



Alternativas para a cultura do fumo: a experiência da fruticultura tropical no Território Central do Estado do Rio Grande do Sul

Alternatives to tobacco growing: the experience of tropical fruit growing in the Central Territory of Rio Grande do Sul state

GIEHL, Jeferson¹; KAUFMANN, Marielen Priscila²; LÜTHY, Lara³; PASQUALOTTO, Nayara⁴; WIZNIEWSKY, José Geraldo⁵

¹Grupo de Pesquisa em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber, UFSM, jefergiehl@hotmail.com; ²UFSM, marielenpk@hotmail.com; ³UFSM, lara.luethy@gmail.com; ⁴UFSM, nayarapasqualotto@hotmail.com; ⁵UFSM, zecowiz@gmail.com

Seção 1. Experiências em Agroecologia

Resumo: O estado do Rio Grande do Sul é caracterizado pelo clima subtropical, sendo comum a formação de geadas no inverno. Porém existem zonas que fogem a essa regra, como é o caso do rebordo do planalto gaúcho. Essa região é caracterizada pela imigração alemã e italiana e formada em grande parte por propriedades familiares. A fumicultura é um cultivo importante nessa região e em função dos problemas socioambientais que acarreta, busca-se alternativas. Duas propriedades se destacam na fruticultura tropical, representada principalmente pela bananicultura, como uma alternativa à fumicultura. Uma delas, localizada no município de São João do Polêsine, que já está consolidada com a produção ecológica, enquanto a segunda, localizada no município de Agudo, apresenta-se no início da conversão. Nesse sentido o trabalho desenvolvido pelo NEA-UFSM pode contribuir para a aproximação e trocas de informações entre os agricultores, já que estas propriedades estão em condições sociais e ambientais muito próximas.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Sustentabilidade; Bananicultura

Abstract: The state of Rio Grande do Sul (RS) is characterized by a subtropical climate and the formation of frost in winter is common. However, there are areas that do not fit into this rule, such as the edge of the plateau of RS. This region is characterized by German and Italian immigration and mostly composed of family farmers. The tobacco cultivation is important in this region, but due to its causing of socio-environmental problems people are searching for alternatives. Two properties stand out on the tropical fruit cultivation, mainly by the growing of banana, as an alternative to tobacco plantations. The first one is located in São João do Polêsine and is already consolidated with ecological production, while the other one, located in Agudo, is on the beginning of transition and is still dependent on tobacco growing. In this context, the work developed by the NEA-UFSM may contribute to the approach and exchange of knowledge between these farmers, since the properties are similar in social and environmental conditions.

Key words: Family farming; Sustainability; Banana growing

Introdução

A introdução de árvores frutíferas aos agroecossistemas é necessária para garantir a segurança alimentar das famílias, através de alimentos saudáveis. Além disso,



possibilita uma renda diferenciada, importante como complementação, para os produtores e se adapta bem a consórcios seja com plantas anuais, seja em sistemas agroflorestais.

No estado do Rio Grande do Sul, devido ao clima subtropical, há o predomínio de produção de frutas adaptadas a climas temperados como maçã e pêssego. Porém, existe no estado uma diversidade de microclimas que fogem a regra e possibilitam o cultivo de frutíferas tropicais, como é o caso do litoral norte e do noroeste gaúcho. Ainda existem outros ambientes menos conhecidos que apresentam potencial nesse sentido. É o caso do rebordo do planalto: uma região que fica na transição entre o planalto e a depressão central, e devido à declividade dificulta a formação de geadas fortes, principal limitante a muitas das culturas tropicais.

Outro fator importante é a organização social dessa região, composta principalmente por pequenas propriedades que utilizam apenas mão de obra familiar. A cultura do fumo aparece como a principal fonte de renda nessa zona, e devido aos grandes problemas socioambientais, como a penosidade do trabalho e a exposição dos agricultores aos agrotóxicos, faz com que os órgãos de desenvolvimento rural busquem alternativas a este cultivo.

Próximo aos municípios mencionados localiza-se Universidade Federal de Santa Maria, cujo Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber (NEA-UFSM), desde sua criação, busca fortalecer ações que visem a ecologização das propriedades rurais. O NEA-UFSM é constituído por estudantes e professores de diversas áreas do conhecimento, em grande parte das ciências rurais que desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionados com a temática da Agroecologia e Sustentabilidade. A área de abrangência compreende os 34 municípios do território central do RS. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo descrever a experiência de duas propriedades situadas no território central do estado do RS, como modelo para a conversão da fumicultura para a fruticultura tropical de base ecológica para a região.

Contextualização

O rebordo do planalto é uma área serrana com alta declividade, mas que não apresenta grande altitude como é o caso da serra geral do RS. Isso faz com que a temperatura atmosférica não seja muito baixa durante o inverno e impede o acúmulo de massas de ar frio, dificultando a formação de geadas. A formação socioeconômica se deu principalmente pela imigração italiana e alemã, formando as chamadas Quarta Colônia de Colonização Italiana e Colônia Alemã Santo Ângelo.

Dentro do Conselho Regional de Desenvolvimento (Corede) Central do RS, duas microrregiões caracterizadas por Neumann (2003) são do interesse deste trabalho. A primeira é a microrregião arrozeira com bons índices produtivos (PIB per capita), da qual São João do Polêsine (SJP) faz parte. Nesta microrregião se apresentam duas zonas distintas, uma primeira de morros onde a cultura principal é o fumo de



galpão e uma segunda de várzea onde é cultivado o arroz. A segunda é a microrregião da Colônia Alemã de Santo Ângelo, com maior influência dos morros e os piores IDHs do Território, microrregião da qual Agudo faz parte, já nessa área o fumo de estufa é predominante, e arroz em segundo plano.

O município de SJP, emancipado em 1992, está situado na parte central do Rio Jacuí. Segundo dados da FEE a área territorial do município tem 79,2km², com aproximadamente 2,7 mil habitantes, com uma taxa de urbanização de 51,4%. O município de Agudo, mais antigo, já que está emancipado desde 1959, possui uma área de 536,1 km² e população de Agudo é de 16,6 mil habitantes e se localiza a 241 km da capital Porto Alegre (FEE-DADOS, 2015) e a 20 km de SJP. Apesar da distância entre as propriedades, elas se encontram sob as mesmas condições climáticas, sendo a médias das temperaturas mínimas do mês mais frio de 8° C e a média das temperaturas máximas do mês mais quente de 34° C (BURIOL et al., 1979).

As informações sobre as experiências foram coletadas através de entrevistas semi-estruturadas e caminhadas na propriedade, guiadas pelos agricultores. Estes encontros foram realizados no mês de fevereiro de 2015 e contou com a participação de aproximadamente quatro pessoas para a coleta de informações. As entrevistas foram realizadas em dois momentos e foram gravadas em áudio, sempre com a autorização do agricultor e feitas algumas fotografias elucidativas. Também servem para subsidiar o texto algumas anotações e fotografias particulares dos entrevistados.

Descrição

A primeira experiência a ser descrita, está situada em Agudo, sendo uma família de pequenos produtores de fumo, que cultiva milho na safrinha e possui pouca superfície de área útil. A primeira característica eminente na propriedade é a baixa disponibilidade de terras aráveis, sendo de um total de 10 ha apenas 02 ha de possível implantação de cultivos anuais. Destes 02 ha, metade é destinada ao cultivo do tabaco e a outra metade está destinada a cultivos de subsistência como o feijão, mandioca, batata doce e outros. Sendo o tabaco a cultura principal até então, ela recebe o maior dispêndio da mão de obra disponível, ficando as outras culturas com menor atendimento. Assim sendo, a segurança alimentar da família, representada pelos cultivos de subsistência, fica em risco. Aliado a isso está a baixa disponibilidade de mão de obra com apenas uma UTH (Unidade de Trabalho Humano) e baixa reprodutividade do trabalho por utilizar-se basicamente de tração animal e serviços manuais no manejo da propriedade.

Devido à restrição em terras aráveis, as culturas anuais não representam uma alternativa à propriedade. Sendo assim, os cultivos perenes poderiam se adaptar melhor ao relevo e à aptidão de uso da terra. A primeira alteração proposta pela assistência técnica foi a implantação de uma área de silvicultura, que entre o meio agrícola é considerada uma "poupança viva" que pode ser comercializada na medida



do necessário. Com o plantio de 4 mil mudas de eucalipto há a possibilidade de acumular recurso para a melhoria da casa de moradia dos proprietários.

Em seguida buscaram-se medidas de melhoria da segurança alimentar, com a implantação das primeiras mudas de árvores frutíferas, que não se encontravam presentes na propriedade vista a especialização e quase exclusividade de dedicação ao fumo. Dentre as primeiras mudas havia, entre outras frutas, a bananeira. Identificado o sucesso da cultura naquele ambiente de encosta, sem histórico de geadas fortes, percebeu-se a possibilidade do uso da cultura com fins comerciais, já que não são muito comuns na região central do RS, microclimas possíveis para o desenvolvimento desta frutífera tropical. O pomar conta com a possibilidade de produção de 110 cachos por ano até o momento, mas com tendência de aumentar a área no futuro.

No município de Agudo há uma demanda por essa fruta. Tendo preferência na comercialização para o PNAE por se tratar de produto de origem da agricultura familiar local e com manejo ecológico, conseguindo até preços diferenciados. Assim, com alterações na especialidade da propriedade, abre-se espaço para outras frutíferas como os citros, goiaba e pêsego e também frutíferas nativas como araçá e cereja-do-rio-grande, cultivos já implantados experimentalmente pelo agricultor e com desejo de aumento no número de plantas. Porém, essa mudança na especialidade da propriedade vem acompanhada de enorme dependência da assistência técnica, já que os tratamentos culturais distinguem-se muito de uma lavoura anual e o manejo ecológico não faz parte da tradição regional.

O próximo passo inclui o início da produção de hortaliças, para autoconsumo. A delimitação de uma horta ainda não existe, porém com a percepção da própria família em relação a pobreza de vitaminas da dieta, em função da cultura alimentar pouco desenvolvida, a delimitação de um espaço para plantar repolho e alface já faz parte dos planos para esse ano.

Outra propriedade com uma tipologia semelhante se encontra em São João do Polêsine. Porém esta propriedade se situa em uma zona com maior influência da cultura do arroz e com ótimos índices produtivos (Neumann, 2003), o que pode significar um maior avanço tecnológico. Nesse contexto a propriedade também se encontra em um estágio mais adiantado de transição, tendo abandonado a cultura do fumo e sendo referência no manejo ecológico da produção.

A atividade agrícola é a principal fonte de renda para a família é a fruticultura, em grande parte a banana. Os outros cultivos são secundários economicamente, mas importantes para atender a demanda do núcleo familiar. No início da experiência de produção de bananas, em 1997, o agricultor teve dificuldades iniciais com a adaptação das cultivares disponíveis, mas com o passar dos anos e após testar várias cultivares, o agricultor optou por manter uma quantidade maior de banana-prata, que apresentou maior adaptação, iniciando o plantio com cerca de 1200 exemplares.



O agricultor comercializa para as escolas municipais dos municípios vizinhos ao seu de Restinga Seca, Formigueiro e a SJP (quando a comercialização é via PNAE), faz a entrega em pequenos estabelecimentos comerciais fiéis de SJP e de outros municípios da Quarta Colônia, além da entrega direta para famílias e para outros feirantes, comercializarem em parceria. O restante da produção é comercializado para sua irmã que possui uma agroindústria de beneficiamento de banana e de outras frutas para a produção de polpas. Ela também tem um bar-café na área urbana do município e confecciona grande parte dos produtos que comercializa, utilizando bananas.

No decorrer da atividade, o agricultor conquistou o seu mercado e desenvolveu e adaptou tecnologias apropriadas para a sua realidade, muitas vezes por conta própria e sem a presença da assistência técnica.

Resultados

A propriedade de Agudo ainda enfrenta diversos problemas estruturais que dificultam o desenvolvimento, sendo que os principais são relativas à má condição de acesso à propriedade e transporte para a comercialização. Outro problema é a assistência técnica, insuficiente para atender a toda a demanda do município. Entretanto, percebe-se um grande desejo na conversão da propriedade para o enfoque do manejo ecológico da produção de alimentos, principalmente para diminuir a penosidade do trabalho e melhorar a segurança alimentar.

Enquanto isso, a propriedade representante de SJP já superou a necessidade de assistência, buscando por conta própria possibilidades para a melhoria do processo de produção, beneficiamento e comercialização. A pró-atividade é notória, além da abertura da propriedade para a visitação do público, exemplificando uma nova função para o rural. Importante destacar, portanto, que esta propriedade tornou-se uma referência de alternativa para a produção de tabaco. Mesmo com a desconfiança dos familiares e vizinhos, ele optou por uma atividade, a bananicultura, que não era tradicional e que sempre fora utilizada apenas para a subsistência da família. Esta mudança foi motivada, principalmente, por razões ambientais e de qualidade de vida. O agricultor relata que teve uma melhora considerável da qualidade de vida após o abandono da fumicultura, pela redução do uso de insumos químicos de alta toxicidade. Segundo ele: “(...) não adianta ter um montão de dinheiro e não ter saúde para aproveitar” (AF2- Trabalho de campo, 2015).

Portanto, através das experiências relatadas podemos concluir que a fruticultura tropical pode ser uma alternativa para a fumicultura. Quando esta vem acompanhada de boas práticas agrícolas e de compromisso social pode ser uma opção sustentável socioeconômica e ecologicamente.

Nesse sentido, o NEA vem a ser uma ferramenta de aproximação desses agricultores que através da metodologia do Campesino a Campesino poderão compartilhar dos saberes possibilitando com que a propriedade de Agudo que não está tão distante geograficamente, mas com muito que aprender no processo de



desenvolvimento, possa acelerar esse processo se valendo de um modelo que se mostrou viável e que também pode ser usado por outros produtores em situações semelhantes.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelas bolsas e auxílio financeiro.

Referências bibliográficas

- BURIOL, G. A. et al. Cartas mensais e anuais das temperaturas médias, das médias das temperaturas máximas e das médias das temperaturas mínimas do estado do Rio Grande do Sul. Revista do Centro de Ciências Rurais. v.9 (Suplemento), 1979.
- FEEDADOS. FEE. Fundação de Economia e Estatística. Dados anuais por unidades geográficas..Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/feedados>. Acesso em: 26 fev. 2015.
- NEUMANN, P. S. O impacto da fragmentação e do formato das terras nos sistemas familiares de produção. Tese de doutorado em engenharia de produção. UFSC, 2003.